Ñanduty
ISSN:2317-8590

A juventude Kaiowá e Guarani na aldeia Sassoró (MS)

Rosiel Vilhalva Rodrigues[1] (UEMS - rosielvilhalva1997@gmail.com)

Resumo: Esse artigo tem o propósito de discutir o que se entende por juventude, especialmente quando se trata de indígenas como os Kaiowá e os Guarani, e busca analisar se esta seria uma categoria já existente ou se seria uma percepção mais recente dentre esse povo. Adicionalmente, são abordados os problemas e as transformações que vêm ocorrendo entre essa etnia e suas interpretações a respeito dessa categoria. O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica e etnográfica, tendo como campo a aldeia Sassoró, local em que o pesquisador vive. Os resultados demonstram que a compreensão da categoria juventude entre os Kaiowá e os Guarani está, atualmente, em transformação.

Palavras-chave: Juventude. Transformações. Kaiowá e Guarani.

La juventud Kaiowá y Guaraní en la aldea Sassoró (MS)

Resumen: este artículo tiene el propósito de discutir lo que se entiende por juventud, especialmente cuando se trata de indígenas como los Kaiowá y los Guaraní, y busca analizar si sería esta una categoría ya existente o una percepción más reciente entre este pueblo. Adicionalmente, serán abordados los problemas y las transformaciones que vienen ocurriendo entre este grupo étnico y sus interpretaciones respeto de esta categoría. Este trabajo fue hecho por medio de una pesquisa bibliográfica y etnográfica, teniendo como local de trabajo de campo la aldea Sassoró, territorio donde vive el investigador. Los resultados demuestran que la comprehensión de la categoría de juventud entre los Kaiowá y Guaraní está, actualmente, en transformación.

Palabras-clave: Juventud. Transformaciones. Kaiowá y Guaraní.

The Kaiowá and Guarani Youth at the Sassoró village (MS)

Abstract: This article aims to analyze what youth means, especially within the context of the Kaiowá and the Guarani indigenous people. Additionally, the research analyzes if youth is an old-branded or new perception amongst this people. Furthermore, challenges and transformations underway within this ethnicity and interpretations around this category are explored. The methodology included bibliography review and ethnography and has the Sassoró village – the indigenous territory the researcher lives in – as the main fieldwork. Results demonstrate that the youth as a category is currently under constant change.

Keywords: Youth. Change. Kaiowá and Guarani.

.

[1] Discente no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus Amambai. Orientação de Célia Maria Foster Silvestre (UEMS/PPGAnt - celiasilvestre@uems.br).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Introdução

Este artigo foi elaborado em 2021 e apresentado em janeiro de 2022 como trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Unidade de Ensino Superior de Amambai. Os dois últimos anos do curso foram vividos no contexto da pandemia de Covid-19 e todas as atividades universitárias foram realizadas através de ensino remoto, inclusive as de orientação e defesa de TCC.

Sou Kaiowá, falante da língua guarani, e vivo na Reserva Indígena Sassoró, localizada no município de Tacuru. No decorrer do texto trarei mais informações sobre o povo do qual faço parte e da aldeia na qual vivo e na qual desenvolvi a pesquisa. Por enquanto, adianto que nela vivem os coletivos Kaiowá e os Guarani e, por vezes, filhos e filhas de pessoas que compõem ambos os grupos étnicos (Silvestre, 2011). Por isso, por vezes me refiro especificamente aos Kaiowá, outras aos Guarani e, mais frequentemente, Kaiowá e Guarani.

Para puxar o fio desta narrativa, começo com minha infância, passo pela adolescência para chegar à juventude - o *oguata* (caminhada) no qual vivi uma realidade que é atualmente mais rara: os cuidados e os remédios que minha mãe recebeu durante a gestação, o parto e o *nhemongarai.*[2] A pesquisa trata especialmente da fase do *kariay*[3]*,* especialmente as descobertas e mudanças radicais dessa fase.

Nasci em 1997 e, segundo minha mãe, o parto foi natural, em uma espécie de barraco que meus pais tinham como abrigo. Nesta época, minha mãe e meu pai viviam em uma mata de uma fazenda cujo nome não se recordam e na qual meu pai trabalhava como diarista, aos arredores da reserva Limão Verde. Segundo minha mãe, sou o seu terceiro filho. Naquela época, era comum a esposa acompanhar seu marido no trabalho, uma vez que o homem precisava de alguém para fazer o seu *rambosa* (alimentação da manhã), *karu* (almoço) e *cena* (janta) durante a empreitada.

A parentela de minha família se caracteriza por ser de outras reservas indígenas, tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai, sendo que o último fazia serviço geral nas fazendas e, mais tarde, foi contratado para trabalhar na Fazenda Sossego – cuja proprietária atual é Regma Antunes, mas era Júlio Antunes –, no município de Iguatemi (MS) na função de vaqueiro,

[2] O *nhemongarai* é o ritual de batismo entre o Kaiowa e Guarani.
[3] *Kariay* é a fase da puberdade do menino.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

profissão que ele adquiriu do meu avô e de seus amigos. Como tínhamos parentes em reservas indígenas próximas, a visita à reserva Sassoró[4], no município de Tacuru (MS) era frequente, pois ficava a 30 km da fazenda onde nos encontrávamos.

A aldeia Sassoró é uma das oito reservas indígenas criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio, SPI, no governo de Getúlio Vargas, no início do século XX, como estratégia de concentração dos indígenas em áreas diminutas e liberação das terras ancestrais para colonização. Vários autores e autoras tratam do processo histórico de criação das reservas, entre os quais podemos citar Tonico Benites (2014), antropólogo, Kaiowá, integrante de família que vive na aldeia Sassoró.

Hoje, compreendo que minha trajetória e a de minha família pode ser comum a tantos outros Kaiowá e Guarani: mais uma das muitas famílias indígenas que se veem pressionadas com a chegada da "civilização" ou "modernidade". Essa questão é exemplificada pela relação entre moradia e permanência escolar: como minha família não tinha lugar fixo de moradia, a cada dois meses era realizada uma mudança para a aldeia (onde ficava na casa de minha avó materna) ou para fazenda (onde meu pai trabalhava), o que dificultava a minha permanência em uma escola.

Quando meus pais souberam da minha boa atuação na escola, por um lado, abraçaram o meu objetivo. Por outro lado, eles não estavam em condições de ficar na reserva: por falta de emprego, a rotina dos meus pais continuava a mesma e eu passei a morar com minha avó para tentar levar os meus estudos adiante. Em alguns momentos, tive que parar de ir à escola para me dedicar aos ensinamentos que recebia do meu pai, tanto aqueles relacionados à sua profissão, quanto os relacionados à nossa cultura, já que minha família acreditava que esses ensinamentos, naquela fase, poderiam me fazer falta um dia.

É justamente essa fase, depois dos 12 anos de idade dos Kaiowá e Guarani, considerado pelos não indígenas como a fase da adolescência/juventude, que tem despertado o meu interesse. Sabendo das circunstâncias que um Kaiowá enfrenta enquanto cidadão, levando em consideração o contexto atual dos Kaiowá e Guarani e as novas formas de interação entre si e os problemas como suicídio, faço uma pesquisa entre esses que são classificados como jovens e com aqueles que um dia já passaram por essa fase. Mas, como surgiu esse interesse?

[4] Sassoró é uma abreviação de Sanga Soro que literalmente significa erosão.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Já tendo ingressado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em 2018, no curso de Ciências Sociais, cada aula era uma conquista e cada semana me trazia uma nova perspectiva. Em uma aula normal de sociologia, a professora solta uma palavra que na época não sabia se era uma afirmação ou uma pergunta: "Não existe juventude entre os Kaiowá e Guarani". Tempos depois, pesquisei a respeito e o porquê dessa afirmação por parte da professora, quando me deparei com a seguinte ponto de vista:

> A conversa mais significativa que tive após ter elaborado meu projeto de pesquisa se deu com Anastácio Peralta, a respeito de organizar um seminário com uma mesa para discutir temas relacionados aos jovens Guarani e Kaiowá. Nessa ocasião, ele me perguntou:
> - Por que você quer fazer isso? Os Guarani e Kaiowá não tem jovens.
> E eu perguntei:
> - Como assim, não tem jovens?
> E Anastácio me explicou:
> - Os Guarani e Kaiowá não são como os brasileiros. Quanto tem 12, 13 anos, já é adulto; já pode fazer o que quiser (Silvestre, 2011: 143).

A maioria da sala disse que existiam sim jovens entre os Guarani e Kaiowá. Além disso, todos os indígenas presentes na aula se consideravam jovens. Porém, com alguns argumentos e explicações da professora, foram surgindo as dúvidas.

Deste momento em diante, começaram as perguntas, controvérsias e discussões por parte dos acadêmicos indígenas a respeito do assunto, o que mais tarde despertaria o meu interesse por completo. Uma vez ingressado no curso de Ciências Sociais na UEMS, com 20 anos de idade e casado, me sentia um jovem kaiowá, pois gostava de praticar esporte, como corrida, e estava em uma fase de "euforia": gostava de caçar e pescar, ajudava os meus avôs ou qualquer outra pessoa mais velha[5], encarava os desafios da vida como o ingresso em uma universidade, que foi um desafio muito grande e uma conquista para os meus familiares. Em minhas reflexões restavam perguntas como: Então não sou mais jovem? Já passei pela juventude? O que realmente ou de fato é a juventude? Qual é a relação entre os Kaiowá e Guarani e a juventude? O que é juventude para os Kaiowá e Guarani? Depois disso, passei a observar tanto os acadêmicos indígenas dentro da universidade, quanto os "jovens" da reserva com os quais me encontrava. De igual forma, passei a me perguntar se tudo o que eu vinha enfrentando e havia vivido representava ou definia um jovem indígena ou simplesmente um jovem.

[5] Quando se usa a expressão "mais velhos", geralmente os jovens kaiowá e guarani estão se referindo a avôs, avós, tios e tias acima de 35 anos de idade.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Destaco que os documentos e trabalhos exclusivos sobre juventude indígena aos quais tive acesso foram poucos, o que me motivou ainda mais a me debruçar sobre o assunto. A segunda motivação partiu do acesso à pesquisa de Valiente (2019: 94), que afirma o seguinte:

> [...] o jovem é muito importante, hoje, nos movimentos que se inserem nas lutas pelos seus direitos e em outra vida social. O que enfatizo é a relevância de fazer um estudo focando somente nesse tema. Mas, neste estudo, só vou apresentar este assunto, de forma rápida, pois considero um importante assunto para pesquisar.

Portanto, à essa altura, eu tinha uma tarefa bastante complexa em mãos. Ao mesmo tempo, o tema da juventude é um assunto bastante familiar e se associa com a convivência e as conversas com os mais velhos que têm produzido conhecimentos específicos a respeito.

Dessa forma, procurei conversar pessoalmente com as pessoas indígenas mais velhas, sem gravação de áudio ou de vídeos, mas com registros de imagens fotográficas. Para o grupo de indígenas mais velhos, o diálogo foi realizado na língua materna, pois a maioria deles e delas sente dificuldades para se expressar na língua portuguesa. De outro lado, com os e as jovens pude usar um pouco mais de recursos, como, em alguns casos a gravação de áudios, vídeos e explicações na língua portuguesa. Para este segundo grupo, as perguntas foram conduzidas em conversas simples, as quais denominarei "conversa/entrevista", pois é como eles se sentem mais à vontade.

1. Conceito de juventude

Juventude é um assunto amplo e complexo, que vem sendo abordado por estudiosos e estudiosas há algum tempo, e não se define exatamente como é ou o que é a juventude, principalmente quando se pensa nas diferenças entre os grupos sociais. Conforme Bourdieu (1983: 112) menciona, fazendo uma comparação com o dilema do filósofo Pareto de que "não se sabe onde começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza", assim parece ser o dilema de se perguntar onde começa e onde termina a juventude. Depreende-se, então, o tamanho da questão que ainda não se define por completo, pois não é possível dizer quando ocorre o início de uma juventude ou mesmo a velhice das sociedades.

A juventude, assim como a velhice, não é um dado, mas uma percepção construída socialmente. Em outras palavras, somos sempre o jovem ou o mais velho de algum grupo

Ñanduty
ISSN:2317-8590

(Bourdieu 1983), portanto não há como nos definir sempre como jovens, pois em um momento podemos ser o mais novo de um grupo e, em outra ocasião, o mais velho.

Nesse sentido, Bourdieu (1983: 112) destaca que "as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas". Desta afirmação, se compreende, então, que em geral temos duas idades: a social e a biológica. Surge dessa racionalização a dimensão do problema: como abordar esse assunto, pois é necessário um cuidado grande quando se busca entender ou estudar o tema.

De acordo com Souza e Paiva (2012: 1), temos:

> A juventude não se trata de um conceito que está dado, mas sim de vários conceitos, que são frutos de uma histórica representação específica dessa população. Diferentemente da adolescência, que tem sido delimitada pela fronteira da faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei N° 8069/90) como o período que compreende de 12 a 18 anos incompleto, a juventude refere-se a um período não necessariamente delimitada pela idade, mas que compreende outros fatores, relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes.

Portanto, a juventude não se resume em classificar os indivíduos por faixa etária. A noção de juventude vai além ao buscar abarcar diversos contextos das mais diferentes sociedades, levando em consideração as transformações que ocorrem no nível local.

Desde criança, aprendemos que estamos em alguma fase dessas divisões entre a infância, a juventude e a velhice. Dificilmente paramos para pensar em seu conceito: quando se pergunta a idade de alguém, a resposta pode localizar o correspondente da comunicação como adulto, mas este adulto pode se sentir jovem. Porém, quem nos classifica como jovem é a sociedade. Portanto, o que Bourdieu (1983) afirma em sua teorização vemos na prática, isto é, a situação na qual se diferencia a idade biológica e a idade social.

Outros fatores que contribuem para um entendimento mais amplo a respeito são as diferentes expectativas em torno do potencial da juventude. Como afirma Groppo (2017):

> A principal característica atribuída à juventude é a de ser uma transição entre a infância (e o mundo privado e as concepções pré-lógicas) e a vida adulta (e o mundo público e as concepções racionalmente legítimas): a juventude interessa menos pelo que ela é, e mais pelo que será ou deveria ser quando seus membros se tornarem adultos. Contudo, é, em especial, no momento da juventude que os indivíduos correm o risco de desenvolver comportamentos anônimos, ingressar em grupos desviantes e protagonizar disfunções sociais: não à toa, ao lado da socialização, é a delinquência juvenil o grande tema das teorias tradicionais da juventude (Groppo, 2017: 10).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Portanto, o que entendemos é que a juventude não se define apenas através da idade e, apesar de ter certa ligação com isso, a noção de juventude envolve cultura, gênero, etnia etc. Os diversos coletivos têm uma forma de classificar esses indivíduos, como os Kaiowá e os Guarani também têm.

2. Juventude para os Kaiowá e Guarani

Ao se deparar com uma pessoa jovem indígena, atualmente, o que se passa na mente das pessoas que também se identificam como indígenas, especificamente os Kaiowá e os Guarani da aldeia Sassoró? O que se espera de um ou de uma jovem? O que se leva em consideração para classificar a pessoa como jovem indígena? São perguntas que serão levadas aos e às indígenas de Sassoró, que são de todas as faixas etárias e gêneros, desde os mais novos aos mais velhos.

Na ocasião, tive a oportunidade de fazer a entrevista com 11 pessoas, todas residentes da reserva indígena Sassoró, às quais considero as mais velhas. São eles: Marta Gomes, 57 anos, casada e aposentada; Adriano Candido, 65 anos, casado e aposentado; Andila Castelão, 63 anos, casada e aposentada; Catulino Gonçalves, 67 anos, casado e aposentado; Bráulio Acosta, 87 anos, viúvo e aposentado. As pessoas mais jovens foram: Isabel Rodrigues Gomes, 20 anos de idade, casada, sem filhos, não estuda e não trabalha; Tânia Candido Lemes, 15 anos, estudante e solteira; Beti Guso, 28 anos, pedagoga, casada e mãe de 1 filho; Luanderson Sebastião, 17 anos, estudante e solteiro; Roni Ramires, 17, anos estudante e solteiro; Edmilson Ribeiro Morelis, 26 anos, estudante e casado.

Como já mencionado, em alguns trabalhos, como o de Silvestre (2011), já havia certa dificuldade de explicação por parte dos indígenas mais velhos sobre a juventude.

A respeito disso, a moradora Marta Gomes, 67 anos, argumenta:

> *Nhahendu vea ugui mitã rusu há ugui kunhatãi guasu rehe ha'e: oikuaapa ojavyky hagua karai kuera rembiporu taanga anga rupi onhomoguetava , oje heko mbo'e pa tua há sy gui mbaechapa oiko kua'a hagua hente apyterupi, mboeroy rupi, oime ranhe henda rupi, onhomogueta kauã'a porã pá karai kuera ndive? Nhaguahe ramo ijypype há nhamanha porã ramo jahecha kua'a voi mbaechagua hente pá hae.*

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> As perguntas mais comuns entre indígenas direcionadas a alguém para entender se a pessoa é jovem ou não são: será que entende de tecnologias, será que foi ensinado pelos pais de como um homem ou uma mulher deve se comportar com outras pessoas, na escola e em determinados locais, será que fala bem o português? O semblante que vemos na pessoa já nos traz uma ideia de como ele se relaciona com as outras ou com a comunidade.

Dessa forma, notamos que há uma certa avaliação, um pensamento sobre um indivíduo aparentemente jovem quando ele é visto pelas pessoas, ou seja, o indivíduo é classificado como jovem pela sociedade. Portanto, esse jovem já carrega um peso que é a responsabilidade de demonstrar uma maturidade plena como um adulto. Em meio aos não indígenas, seria considerado "opcional" ter atitudes desse tipo. Quais seriam essas atitudes?

Quando os Kaiowá dizem "aquele jovem", automaticamente eles estão dizendo que aquele indivíduo já está apto para quase tudo em relação às atividades cotidianas entre os Kaiowá, seja menino ou menina. Por exemplo, para se casar, caçar, pescar e em outras áreas nas quais podem contribuir e propor ideias ou sugestões para melhoria na sua comunidade. O indivíduo passa a ser jovem quando se torna independente. Porém,

> O contato com o mundo urbano apresenta exigências antes inexistentes, que se referem, agora, à condição de assalariado. No cotidiano das relações, não ter como se vestir pode se constituir em um drama real, cuja experiência permeia profundamente as consciências. Procurando evitar essas situações, os jovens Guarani e Kaiowá e seus familiares, tomam consciência de buscarem trabalho remunerado (Silvestre, 2011: 150).

Portanto, entre os jovens já é comum a ideia de que devem procurar um emprego, pois as atividades que eles fazem, ajudando os pais na roça ou em casa já não são suficientes para manter a família. Se este fator não se levava em conta, atualmente houve uma exigência indireta do mundo capitalista aos jovens indígenas.

Na conversa/entrevista com o morador Catulino Gonçalves, 67 anos, Kaiowá, questionei se ele sabe explicar o que significa juventude. Para o senhor Gonçalves, em "nosso entendimento, [a juventude] nunca, jamais será igual a dos não indígenas".

Essa afirmação me deixou ainda mais interessado sobre o assunto. Desta forma, perguntei a respeito. Por quê? O senhor Gonçalves me responde:

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> Sobre o jovem, você me pergunta se eu sei explicar. Para você entender melhor, vamos pegar a terra como exemplo. O que é terra para os não indígenas? Terra é, primeiramente, dinheiro para eles, pois é vendida a um valor absurdo que eles mesmos inventam. Eles cortam as árvores, plantam sojas e milhos acima do que será consumido, passam venenos nessas plantações, pois para eles não importam a qualidade e sim a quantidade, pois irão lucrar com isso. Morrem pela terra, pois é o dinheiro que está em jogo. E para os indígenas, o que é terra? Nada! Ao mesmo tempo, tudo. O indígena não vê a terra como lucro, mas ao mesmo tempo sabe que precisa cuidá-la, pois é de onde sairá o sustento para tudo como para plantar alimentos para suas famílias, aproveitar os recursos naturais. E é por essa razão que [as terras] não podem ser vendidas. [Os indígenas] lutam, morrem pela terra, pois é a vida que está em jogo. Percebeu a diferença? Então a explicação para juventude é a mesma e não posso afirmar uma coisa com entendimento diferente, talvez essa palavra ou essa fase nem exista para os Kaiowá e Guarani. Talvez exista e tenha uma explicação. Mas para mim essa palavra, ou essa coisa, é novidade.

A respeito dessas questões, já havia uma dificuldade de compreensão ou de uma expressão coesa por parte dos indígenas mais velhos sobre o que é juventude. Um exemplo disso é a pergunta que a pesquisadora Silvestre (2011) fez aos representantes dessa faixa etária, que ficou sem uma explicação clara: "também perguntei para dois rezadores da aldeia de Lagoa Rica. Eles pouco falam a língua portuguesa e a explicação que me deram não foi o suficiente para que eu compreendesse o que eles entendiam por isso."

Dessa forma, concordo com Silvestre (2011: 149):

> [...] embora juventude seja uma categoria usada frequentemente na atualidade, enquanto forma de organização social, ela é nova nesse grupo social, que não se organiza a partir de faixas etárias como entre alguns povos. [...] se a juventude é uma categoria nova entre os Guarani e Kaiowá, muitas das definições são importadas junto com ela. Elas remetem à juventude como nós, os ocidentais, a entendemos: como um tempo onde é possível viver com menos responsabilidade, onde o vigor para realizar sonhos está presente e a pessoa ainda não se encontra marcada com as experiências negativas.

Da mesma maneira, o morador Catulino Gonçalves afirma que não pode falar de um assunto que entende pouco, que foge de seu entendimento. O participante diz isso para não correr o risco de fugir de um assunto tão complexo ou de dar uma definição errada sobre o tema, pois o considera algo novo.

Sobre o assunto, Isabel Rodrigues Gomes argumenta: "Juventude é diversão, é sair com os amigos, visitar os familiares que moram longe e jogar futebol, que é um dos meus

Ñanduty
ISSN:2317-8590

passatempos favoritos. Já tentei seguir carreira nesse caminho, mas como muitos desisti porque é muito difícil e concorrido, mas eu acho que juventude se resume mais à diversão".

Desse modo, percebemos as transformações que ocorreram entre os Kaiowá e Guarani, as ideias e o modo de pensar. Estes são os mesmos entendimentos que os não indígenas possuem sobre a juventude. Sobre essa questão, a pedagoga Beti Guso se manifesta:

> Para mim, jovem é a partir dos 18 anos até uns 20 e poucos anos. É a fase de sonhar, de colocar meta a si mesma, são sonhos que poucos conseguem realizar, pois o acompanhamento, incentivo quase não existe, 'né'. Também é uma fase que muitos consideram a fase da diversão. E por ser a fase da diversão, acabam se envolvendo com pessoas que incentivam a usar drogas, bebidas alcoólicas e aqueles sonhos que um dia existiu vão se perdendo, 'né', porque hoje mudou muitas coisas, houve uma mudança, transformação muito grande em relação aos jovens.

A seguir, abordaremos a perspectiva da juventude sob o olhar dos mais velhos.

2.1 Juventude na visão dos indígenas mais velhos

Nesta seção, focarei em como os indígenas mais velhos veem ou consideram os jovens da atualidade, isto é, o que pensam a respeito das transformações e mudanças que vem acontecendo entre esses seus jovens.

Continuando a conversa/entrevista com os mais velhos, o morador Adriano Candido, 67 anos, se posiciona a respeito das gerações "atualizadas" ou sobre a adaptação dos mais novos (*ava ko'angagua*) com o *karai kuera reko* que os Kaiowá chamam *de teko pyahu* (Valiente, 2019: 94). De acordo com o morador:

> Hoje, está tudo difícil, as coisas, em relação aos nossos costumes tradicionais. Ao mesmo tempo, o contato com os não indígenas nos deu alguma vantagem. Por exemplo, já vemos indígenas com carro e habilitados para viajar onde quiserem, o que facilita a nossa visita aos parentes que moram longe e o acesso à cidade. Vemos também jovens entrando na faculdade, como você, e isso é muito bom. Estudar o nosso passado e nossas lutas é melhor ainda, porque eu vejo muitos jovens entrando na faculdade e querendo se desfazer dos nossos costumes e não entendo isso. Eu penso que as pessoas estudam para ficarem mais inteligentes, para saber do conhecimento dos brancos e usar isso para o nosso benefício. Porque hoje, sem escolaridade, não se consegue quase nada. Portanto, os jovens precisam sim estudar, mas não para dar as costas depois, porque nós somos indígenas e nada pode mudar isso. Nós somos irmãos, precisamos um dos outros e eu acho que poucas pessoas dão valor a isso.[6]

[6] Koanga rupi ojetu'u pa lá opa mba'e, nhande reko yma guare pe jaiko tá ramo, ajepa. Karai kuera reko terã há'e kuera hembiporu heta mba'e pe nhande pytyvo avei ndaikatui jajejapo umia gui, ehecha mi, jahecha má ava i

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Já Bráulio Acosta, Kaiowá, morador da aldeia Sassoró, afirma:

> *Yma ve rupi, mitã guasu ojehecha kua'a vaekue ikatupyry tapa nahani heta mbae rupi, jahecha mi nhemenda hagua. Mitã rusu ikariay rire má upea, mbae tekoteve ojehecha hese omachama há omenda hagua, mena rã oiko hagua chugui: tekoteve omarika kua'a, o juru kutu kua'a, ojapo kua'a vaerã monde terã nhuhã; oikua'a vaerã pohã nhana; tekoteve ojapo kua'a oga; ikokue pá oguereko; pea ore mitã rusu tekoteve voi nte roguereko va'ekue.*
> *Koanga katu ndahaevei upeicha, mitã rusu rehe ojecha koanga oho porã pá karai kuera arandu rupi, omba'apo pá lei pé, ndojehecha guasu veima angaite hae vaekue. Ore ituja há i guaigui vea pe la ndoho porãi, upeagui ahecha ore roikoteve eterei ugui mitã guasu há kunhã tãi guasu kuera rehe.*
>
> O homem jovem indígena, há alguns anos era avaliado de uma outra forma. Por exemplo, em relação ao casamento. O jovem tinha de ter alguns requisitos para se tornar um marido, como saber caçar, pescar, fazer armadilhas, saber de remédios tradicionais, saber construir uma casa e ter a própria roça. Estes eram alguns dos méritos que nós como jovens deveríamos ter. Porém, o que tem sido avaliado nos jovens ultimamente é completamente diferente. Hoje, a primeira coisa que um jovem deve ter é estudo e trabalho. Porém, não se leva mais em conta o que citei anteriormente. Por outro lado, eu entendo porque tudo ficou mais difícil pelo menos pra nós, mais velhos, e quem pode nos dar a mão são esses jovens.

Vemos então a afirmação do morador que podemos considerar como um desabafo, pois essas falas são comuns atualmente entre indígenas mais velhos, que se sentem sufocados e confusos em meio a tantas mudanças.

A respeito disso, pesquisas anteriores já haviam mencionado que:

> [...] os mais velhos (*nhanderu há nhandesy kuera*) também aprendem com os mais novos (*ava ko'anga gua*), em seus convívios, sobre as transformações que ocorrem na reserva ou sobre o mundo dos brancos - *karai kuera reko* -, que os Kaiowá chamam de teko pyahu. Por exemplo, como contar o dinheiro, sacar dinheiro do banco, acompanhar na cidade para fazer compras, entre outros. Apesar das críticas, existe a interdependência entre indivíduos na família, como avó e neto ou avô e neta (Valiente, 2019: 94).

mba'eryru guata ramo, aguerko umi karai kuatia oguerekova ajeve ikatu má oho se hape oho, upea rupi ve jaha jahecha nhande hente kuera mombyry oikova, jaha hagua pyelo pe, jahecha avei umi kunhã tãi há umi kariay guasu ojapo ramo umi karai kuera arandu reru há, che ajohu porã umi ohoa umi rupi, oheka ramo lao oikua'a hagua mba'echapa nhande ava jahasa asy va'ekue, há jahasa teri voi atu, ndahetai umi chagua hente pyahu oiko, heta ve umi ojejapo seva, ajepa, maerã po, cheve rô guarã ko kuri i nharandu ve ta vaecha, upeicha guarã má voi lá oho umi rupi. Koanga katu umia rupive ite lá rejohu remba'apo hagua, upeagui la tekoteve vointe nhande ava ojapo umia, ndahaei avei upei ome'e hagua nhandeve i lomo, opaicha rõ jepe nhande ava nhaokoteve vointe ojoehe, sai hente omboypy vá upeva.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Vimos, então, que existe uma ligação entre a juventude (em relação aos indígenas) e os indígenas mais velhos: não é possível ser independente um do outro. De qualquer forma, as dificuldades do dia a dia entre ambos os colocam em um ponto onde se percebe como a ajuda de alguém que entenda de um assunto mais complexos entre os Kaiowá faz falta e isso é um fato entre os Kaiowá e Guarani.

Sobre as jovens indígenas, a moradora Andila Castelão relata:

> *Ore kunhã kuera ndive katu mbyky ve vaekue ysypo, ore mitã i pe voi ore jopy sy kuera. Malicha 6 anho guive ronhepyru ma voi romoiru ore sype kokue terã oga pype, ndoroke asajey vaerã voi, ore ve onhembohasa kuarahy ose yre voi roime hagua okarupi, ha pe kuarahy ose ra'ãrõvo roi tykua ka'ay umi ituja há iguaigui vea pe, ha ka'ay ndive omoi pohã. Upeicha hape rohendu kaso ojehu vaekue, onhemombeu vaekue ha kuarahy ose ou jave rojohei arã ore rova pato ygua pe, upei ma ronhembiapo okarupi. Umicha ojejapo vaekue oiko hagua orehegui kunhã te'e voi.*
>
> Para nós, moças, as exigências para enfrentarmos as dificuldades da vida começam cedo. Desde uns 6 anos já tínhamos a tarefa de acompanhar nossas mães em sua tarefa de casa ou da roça, ou de acordar cedo, pois somos ensinadas que devemos estar de pé antes do sol nascer, na espera de clarear o dia tínhamos como tarefa participar e servir os mais velhos com chimarrão, que geralmente vinha acompanhado de um ou mais remédios tradicionais. Nessa comunhão, se ouviam histórias de acontecimentos reais de contos, relatos e com nascer do sol íamos lavar nossos rostos nos bebedouros de pato[7] e assim começar as tarefas do dia.
> Tudo isso era feito com a intenção de formar as mulheres indígenas mais preparadas.[8]

Dessa forma, percebe-se que há uma compreensão dos indígenas mais velhos sobre a questão das transformações dos jovens, porém com pontos positivos e negativos, como os acima relatados.

2.2 O jovem Kaiowá e Guarani

Se até este momento abordamos perspectivas gerais e a visão dos mais velhos quanto à juventude kaiowá e guarani, nessa passagem iremos mais a fundo sobre esse assunto que é o jovem Kaiowá e Guarani, qual seu lugar dentro da sociedade e como eles se consideram.

[7] Para os Kaiowá, lavar o rosto nos bebedouros do pato tem um significado simbólico que é o de adquirir as mesmas qualidades que o animal, nesse caso o pato, ou seja, acreditam que com esse processo serão resistentes ao sono, considerado um grande problema para eles.
[8] A moradora se refere à educação, hospitalidade e simplicidade ensinadas pelos pais aos seus filhos.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Durante a conversa/entrevista foram feitas as seguintes perguntas aos participantes: Consegue definir juventude em poucas palavras? Você se sente um jovem? Se sim ou não, por quê? Poderia falar das conquistas e dificuldades como um jovem Kaiowá e Guarani?

Sobre as seguintes perguntas, a moradora e pedagoga Beti Guso argumenta:

> Em relação aos indígenas, especificamente os Kaiowá e Guarani, a juventude existe para alguns, mas para outros não. Por um lado, sim, por outro, me sinto mais adulta do que jovem, porque desde criança fui uma pessoa muito independente e, até hoje, sou muito responsável em tudo o que faço. Por quê? Porque a minha infância foi muito difícil, bastante complicada. Praticamente não tive a infância que atualmente se tem. Desde criança já me responsabilizava por alguma coisa, 'né'. E hoje, vejo que era uma responsabilidade de um adulto. Mesmo assim, tudo que estava sob minha responsabilidade eu dava o meu melhor para conseguir manter. Acho que isso me tornou sempre uma adulta. Já em relação às dificuldades e conquistas, sempre se tem dificuldade para se conseguir algo, 'né'. Mas quando se traz para o contexto dos indígenas, é quase que impossível. Por isso poucas pessoas conseguem um emprego ou cursar uma faculdade, pois o apoio e incentivo dos pais é muito raro.

Tânia Candido Lemes também se manifesta: "Jovem é aquele que é novo. Sim, me sinto uma jovem, tenho 15 anos e tenho muitos sonhos ainda, ah, isso me torna uma jovem".

Isabel Rodrigues Gomes afirma, por sua vez, que:

> Sobre a juventude, se disse que era uma fase de diversão. Se eu me sinto jovem? Oh, e como, eu que sou jovem, porque gosto de sair para as festas, visitar parentes, fazer alguma coisa boa com eles, como um churrasco de fim de semana. Isso me faz ser uma jovem, eu acho, não sei também, 'né'? Mas eu não vejo outra maneira de ser jovem. O futebol, por exemplo, já faz parte da minha vida e é onde a gente vê as molecadas. Ah, as mulheres também gastando suas energias. Então, eu não me sinto jovem; eu sou jovem. Sobre as dificuldades, eu ligo pouco para isso, pois hoje nós que somos moças, somos muito criticadas em tudo que fazemos. Mas não sou de pensar muito nisso. Quando eu quero algo vou atrás até conseguir. E claro que é difícil conquistar as coisas, 'né'? Eu acho que a minha maior conquista, é a felicidade no rosto a cada dia. É muito difícil as pessoas me verem triste, porque sempre procuro passar uma energia positiva.

Para Luanderson Sebastião:

> Jovem é ser novo, cheio de garra, determinação e vontade de seguir em frente, 'né'? Tem que ser assim, não pode recuar. Me sinto um jovem, sim, e tenho muitas coisas 'pra' alcançar. Por exemplo, eu quero trabalhar numa colheitadeira de sojas, milhos. Eu gosto demais daquela máquina. Mas, por enquanto estou aí, meu time também é uma segunda família e isso me alegra muito e me dá motivação para seguir em frente, 'né'? E é isso. Gosto de estudar também. Acho que o que faz uma pessoa ser jovem é o sonho, porque a partir do momento que a pessoa não tem mais sonhos, não é mais jovem,

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> concorda? As dificuldades são muitas, mas quem é que nunca teve? Vou seguindo os passos para a frente sabendo das dificuldades. As conquistas minhas são os amigos, a maioria do meu time.

Para Roni Ramires:

> A juventude é uma fase entre a infância e a vida adulta. É nessa fase que nós buscamos achar uma identidade para nós, definir nossos interesses, nossos projetos e é onde começa a nossa posição em relação à política, à escolha da profissão. Ah, e em muitas outras áreas. Sim, me sinto um jovem e um pouco adulto. Se desse para dividir, ficava assim: 70% jovem e 30% adulto. Sou mais jovem porque não sou pai ainda. Moro com meus pais, então a responsabilidade é um pouco menor. Posso sair para jogar bola, visitar os parceiros, viajar, é isso. Tenho também a responsabilidade de um adulto. Se deixarem algo em minha responsabilidade, pode ficar tranquilo que está seguro. Um pouco de adulto porque já fui casado um dia, então a experiência que tive já me faz ser um adulto, porque só um adulto se casa. Sobre as minhas dificuldades, posso falar que tenho sim, mas não dou muita bola para isso. Já as minhas conquistas, é a união da minha família e ter bastante amigos. Amigos de escola, de time, do *Facebook*, essas são as minhas conquistas até aqui, mas tenho muitos ainda para realizar, espero que consiga, porque para nós indígenas é muito difícil as coisas.

Edmilson Ribeiro Morelis argumenta:

> Para mim, juventude é viver como jovem, se sentir como jovem, desfrutar como jovem, sonhar como jovem etc. Mas por que como jovem? Para mim, o jovem representa a força, a coragem, a boa saúde, o bom porte físico, disposição 'pra' encarar qualquer desafio posto pela vida. Lógico, me sinto um jovem. Por isso, vivo aproveitando a vida da melhor forma possível. Sonho e busco realizar esses sonhos de querer ter algo. As dificuldades de um jovem, como eu, por exemplo, são grandes. Porém, um bom jovem indígena não abaixa a cabeça para qualquer obstáculo. Vai em busca de seus sonhos ou de algo que irá te fazer feliz.

O Jovem Edmilson não fala na conversa/entrevista qual é o seu sonho e apenas diz "sonho e busco realizar esses sonhos de querer ter algo", pois ele acredita que falar de metas individuais para muitas pessoas não vale à pena e tem um entendimento próprio de que falar de suas metas, sonhos ou objetivos para quem não irá ajudá-lo ou trará resultado algum. Em vez disso, seus planos podem vir a fracassar, ou seja, essa fala é comum entre os Kaiowá e Guarani - a ideia que devem falar pouco de seus planos, pois consideram uma perda de tempo.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Imagem 1- Da esquerda para direita, Isabel Rodrigues Gomes e Tânia Candido Lemes, em uma conversa sobre juventude Kaiowá e Guarani



Fonte: arquivo pessoal.

2.3 O futebol

Como qualquer jovem, os jovens indígenas também têm seus sonhos, objetivos e metas a serem alcançadas. Mas o que eles fazem enquanto isso não chega? Quais são as suas atividades na família, na sociedade? De que forma contribuem para a sua comunidade? Pelo futebol ser um destaque indiscutível entre a juventude Kaiowá e Guarani da aldeia Sassoró atualmente, falarei a respeito dessa modalidade que vem ganhando espaço e importância na aldeia.

Com os relatos vistos anteriormente, percebemos que a maioria dos e das jovens tem uma ligação bastante forte com o esporte, ou seja, a prática do esporte, especificamente o futebol, vem fazendo parte da rotina de quase todos e todas. Alguns até consideram a sua equipe de futebol como a sua segunda família e, de fato, talvez o seja, pois todas as tardes têm o horário para o feminino e masculino praticarem esse esporte, juntos. Além disso, há os horários dos treinos, que geralmente são três vezes por semana, nos quais apenas os e as integrantes das

Ñanduty
ISSN:2317-8590

equipes participam, que é o *nhe matyarõ* (encontro, ou simplesmente treino). Qualquer time tem o direito de escolher o horário que deseja treinar, desde que tenha um representante. Quando os e as jovens usam a expressão "meu time", não estão se referindo aos times de clube profissional ou se considerando um e uma torcedor, torcedora, como é comum entre os não indígenas. Apesar de existirem também torcedores fanáticos de clubes profissionais, estes e estas jovens estão dizendo que fazem parte de um clube amador formado por garotos e garotas, quase todos e todas da mesma idade. As equipes das meninas Kaiowá e Guarani se organizam da mesma forma como os garotos. Um time que vem de uma data considerável é a equipe E.M.I.U.A.K. (Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kue-mi), que vem atuando desde a inauguração da instituição. Porém, a equipe funciona como uma espécie de seleção, onde as meninas são selecionadas para participarem de competições que acontecem fora da aldeia. Outras equipes formadas são Kunhã Arandu (mulheres sábias), K.S. Feminina (Kaiowá Sassoró Feminino) e Sasso[9] F.C. (Sasso Futebol Clube).

Essa modalidade esportiva já vinha chamando atenção dos que tinham interesse em pesquisar sobre a forma de interação dos Kaiowá, como demonstra a pesquisa de Seraguza (2013: 154), que sublinha: "os jogos de futebol são práticas esportivas de bastante afeto entre os Kaiowa e Guarani, eles gostam de praticar o esporte. Os jogos podem ser percebidos como exercícios da socialidade". O que quero trazer com isso é a forma como esses indivíduos se relacionam entre si e como esse esporte vem sendo um destaque entre os jovens Kaiowá e Guarani através dessa modalidade esportiva, por exemplo, ao formarem ou produzirem coletividade (Valiente, 2017). Existem times que estão ativos há mais de 10 anos, como é o caso da equipe K.S. Jovem (Kaiowá Sassoró Jovem), com veteranos. Outros, recém formaram o time ou a equipe, como Império da Bola, Equipe Montana, Corandel, BVB Sport, Central. Cada time tem seus representantes e próprios torcedores. Quando acontece alguma competição interna, atraem muitos espectadores e, claro, as rivalidades entre as equipes são inevitáveis.

O que interessa nisso é a forma com a qual esses indivíduos se relacionam de forma direta através do futebol, a qual Seraguza (2013: 152) chama de "espaços de socialidade", pois de fato são espaços onde são criados os laços, ou seja, os Kaiowá e Guarani não consideram o futebol apenas como um simples esporte, mas como um espaço de interação e produção de coletividade.

[9] Sasso é uma abreviação de Sassoró.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Sobre essa questão, para a maioria dos pais é melhor seu filho praticar esse esporte e gastar energia do que ficar em casa dando trabalho ou perambulando pelas estradas, e fazer algo que os decepcione.

2.4 O suicídio

É quase impossível não falar dessa questão quando se trata de jovens indígenas de Mato Grosso do Sul. O suicídio é fato entre os Kaiowá e Guarani e não posso deixar de mencionar esse problema que tem despertado o interesse de muitos pesquisadores, pois os dados são, no mínimo, preocupantes. O mais interessante é que esse fenômeno ocorreu ou ainda ocorre com mais frequência entre os jovens:

> Dados apresentados pelo Ministério da Saúde em 2017 demonstram que o Coeficiente de Mortalidade (CM) por suicídio entre os povos indígenas no Brasil foi quase três vezes maior que o CM por suicídio entre a população geral no país. Entre 2011 e 2015, o CM de suicídio entre a população brasileira foi de 5,5/100 mil hab., enquanto para as populações indígenas foi de 15,2/100 mil hab. A taxa de suicídio entre indígenas no Brasil é maior até mesmo que a taxa no mundo apresentada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2014, que era de 11,4/ 100 mil habitantes. O estado de Mato Grosso do Sul (MS), destaca-se a nível nacional por seus números elevados quanto às mortes de indígenas por suicídio. De acordo com Ministério da Saúde (2017a), o CM por suicídio em MS, correspondente ao período de 2011 a 2015, foi de 8,5/100 mil hab., maior que a média nacional de 5,5/100 mil hab. para o mesmo período (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019: 3).

Para Tonico Benites (2014: online), antropólogo Kaiowá, o que leva o indígena a cometer o ato de suicídio é a perda do vínculo com a terra, a qual se manifesta:

> Lá mesmo você não consegue viver como era antes, então essa saudade da área antiga a forma de se viver lá, essa saudade de lugar bonito, liberdade, autonomia que tinha lá na área, na reserva você não consegue, então o suicídio é uma forma de você não aceitar aquilo.

A maneira como Tonico Benites se expressa, nos leva ao entendimento de que o suicídio é uma forma cruel de os indígenas dizerem “não aguento mais”, pois a suas vozes não são ouvidas, seus comportamentos não são levados em consideração. Os indígenas que pensam na possibilidade de suicídio sentem que sem ou com sua presença a sociedade seguirá normalmente sua rotina e sua ausência não irá fazer falta alguma. Então o suicídio é o último recurso que está sempre à disposição.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

O suicídio vem mais com o motivo do *nhemoyrõ*[10] (Benites, 2009), ou seja, o suicídio acontece por vários motivos, incluindo problemas familiares, conjugais, escolares etc.

Os casos que sempre se veem com frequência são os *Jejuvy* (enforcamento):

> Nos últimos dez anos da contagem do Distrito Especial de Saúde, 506 indígenas no Mato Grosso do Sul apelaram para a corda e foram encontrados dependurados em galhos de árvore ou nas travessas dos barracos. "Asfixia mecânica", "constrição cervical", "enforcamento", é o que resta registrado nos laudos necrológicos. Entre as 39 ocorrências de suicídios de 2013, apenas duas envolveram meios distintos do enforcamento: um jovem guarani que ingeriu veneno, e um Terena que se matou com uma arma de fogo. A estimativa é que mais de mil suicídios tenham ocorrido somente entre os Kaiowá e Guarani nos últimos 30 anos. As vítimas, em sua maioria, são adolescentes do sexo masculino (Brand & Vietta, 2001). A faixa etária de maior incidência é entre 15 e 19 anos entre os rapazes, e de 10 a 14 anos no sexo feminino (Morais, 2017: online).

Como relatado acima, a maneira como os jovens executam tal ato é simples. Como indígena, posso afirmar que as cordas são usadas em poucos casos. Geralmente, as vítimas usam barbantes, cintos de vestuário, cadarços de tênis de passeio, cabos de aparelho de televisão ou qualquer cabo que seja suficiente para aguentar o seu peso. Já os locais e materiais onde serão fixadas as cordas ou cabos escolhidos por esses indivíduos incluem as travessas que existem nas casas de sapé, e árvores (mais altas ou mais baixas). Dizem que é para deixar marcada a morte.

Roni Ramires perdeu seu irmão, Edson Ramires, por suicídio, em 2020. De forma diferente do suicídio comum entre os Kaiowá e Guarani, ele nos conta como foi:

> É algo que ninguém espera, claro. E não desejo isso a ninguém, pois considero a experiência mais dolorida. Mas por que, mais dolorida? Quando alguém morre por alcançar a velhice ou de algum acidente, a gente entende que ele partiu não porque quis, aconteceu naturalmente. Então, não dói tanto. Mas quando é por suicídio, a dor é inexplicável, porque a gente fica pensando "poxa, como não percebi o que ele estava passando" ou "ele estava tão perto e eu não ajudei". Ele era o meu irmão mais velho, talvez por ter sido mais novo e não percebi o quanto ele necessitava de ajuda. A morte dele foi assim: não deu certo seu casamento, então ele com cabeça quente, 'né', pegou a moto que o pai tinha e saiu, depois de umas duas horas, recebemos a notícia, ele tinha invadido a contramão de propósito e entrou na frente de um escolar (ônibus). É uma coisa que eu tento entender, mas até agora não entendo.

[10] A tradução literal seria "cansado da vida".

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Quando falamos desse assunto, o que nos vem em mente é a seguinte pergunta: por que as vítimas desse fenômeno são a maioria jovens entre 15 e 20 anos? Por que não são adultos, apesar de existirem casos de suicídio entre adultos em menor incidência? Como já relatado anteriormente, a chegada do mundo capitalista tem dificultado muito a vida dos Kaiowá e Guarani e o resultado desse impacto são as decepções dos indivíduos em relação ao trabalho ou à família, pois se sentem despreparados para exercer as funções que requerem preparo.

Portanto, uma das principais causas para o suicídio entre os Kaiowá e Guarani seria o impacto dos indivíduos com o mundo dos não indígenas. Deixarei aqui um relato em relação a esses apontamentos que acabo de enfatizar, trazendo a minha experiência como acadêmico indígena.

Minha trajetória na universidade foi marcada por vários desafios e dificuldades. Primeiramente, em relação à língua. Como a maioria dos indígenas, tive muita dificuldade em compreender as discussões abordadas pelos professores durante os primeiros seis meses de aula, pois para mim era tudo novidade. Não estou dizendo que não entendo a língua portuguesa. Relato apenas que as linguagens e termos usados pelos docentes me faziam sentir um pequeno desapontamento sobre mim. Mas com o passar dos tempos fui me aprimorando e me esforçando para poder me enquadrar em um nível em que a compreensão vinha com mais facilidade. O segundo motivo foi a distância: percorria, toda noite, aproximadamente 200km para chegar à universidade, de ida e de volta para a casa.

Levando esse relato em consideração, faço lembrá-los de que esses podem ser considerados alguns dos motivos pelos quais uma pessoa kaiowá e guarani, decepcionada consigo mesma, por achar que seu problema é pessoal e não perceber a dimensão social e histórica da situação, optaria pelo *jejuvy* (suicídio). Mesmo que sejam situações desesperadoras, poucas pessoas buscam ajuda quando estão passando por elas e essa falta de procura por ajuda é um grande problema dos Kaiowá e Guarani. Podemos notar isso em muitos Kaiowá, no seu silêncio em grandes ou pequenos eventos, sotaques diferenciados, ou maneira como se expressam na forma escrita.

O que acabo de mencionar são apenas alguns dos vários motivos que podem causar o suicídio e esses dilemas acontecem com mais frequência com os e as jovens indígenas, o que nos leva a entender os dados elevados de suicídio entre a juventude. Já em relação aos adultos,

Ñanduty
ISSN:2317-8590

representam uma categoria que pouco se importa em satisfazer as exigências do *teko pyahu* (novo modo de viver).

3. Considerações finais

Para finalizar, na pesquisa que embasou este artigo levamos em consideração os relatos, posições e argumentos por parte dos e das Kaiowá e Guarani a respeito da juventude, uma fase de vida que vem permeada por novas formas de socialidade no *teko pyahu* (novo modo de viver). Ao que tudo indica, esta fase se torna algo complexo, com muitas dúvidas, como pode ser para os não indígenas. O que podemos destacar é que essa categoria, a da juventude, apesar de ser bastante utilizada atualmente, é nova entre os Kaiowá e Guarani. O entendimento que os e as jovens possuem a respeito da juventude vem do compartilhamento de experiências próprias desta fase de vida, alguns que evidenciam o modo bom de viver – *teko porã*, fortalecendo a coletividade, e outras que evidenciam o *teko vai* (modo ruim de viver), como o suicídio.

Enquanto uma categoria nova, a pesquisa demonstrou que para alguns a juventude não existe, enquanto outros não conseguem defini-la. Há, ainda, um terceiro grupo que afirma que os Kaiowá e Guarani possuem uma forma diferente de interpretar esse assunto tão complexo e que o entendimento que eles possuem não será em momento algum compatível com o conhecimento ou entendimento dos não indígenas.

Portanto, posso concluir que a juventude Kaiowá e Guarani é algo que está em processo, ou seja, a juventude enquanto categoria está em transição, mas de modo algum podemos ver como algo completo e, ao mesmo tempo, incompleto.

Referências

BENITES, Tonico. 2014. *Suicídio e desespero entre os indígenas do Brasil*. Disponível em: https://youtu.be/ngUZ6_6xVXA Acesso em: 14 de out. de 2021.

BENITES, Tonico. 2014. Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. 270 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional – PPGAS. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

BENITES, Tônico. 2009. *A escola na ótica dos ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. 1983. "A 'juventude' é apenas uma palavra". Entrevista a Anne-Marie Métailié. In: BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. p.112-121.

GROPPO**,** Luis Antonio. 2017. "Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude". *Desidades – Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, Rio de Janeiro, 14: 9-17.

GRUBITS, Sônia; FREIRE, Heloísa Bruna Grubits; NORIEGA, José Angel Vera. 2011. "Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil". *Psicologia: Ciência e Profissão,* 31(3):504-517.

MORAIS, Bruno. 2017. *Assim morrem os Kaiowá*. In: https://outraspalavras.net/terraeantropoceno/assim-morrem-os-kaiowa/. Acesso: 13 março 2024.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. 2011. *Entretempos: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. 2012. "Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real". *Estudos de Psicologia,* Natal, 17(3): 353-360.

STALIANO, Pamela; MONDARDO, Marcos Leandro; LOPES, Roberto Chaparro. 2019. "Onde e como se suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: confinamento, jejuvy e tekoha". Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39 (n.spe)., e221674, 9-21. https://doi.org/10.1590/1982-3703003221674. Acesso: 25 jul. 2024.

VALIENTE, Celuniel Aquino. 2019. *Modos de produção de coletivos Kaiowá na situação atual da reserva Amambai, MS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

Revisão: Katiuscia Moreno Galhera.